

**Investigação sobre a automedicação dos estudantes do curso de medicina de uma
Instituição de Ensino Superior**

Assesment of self medication in Academics from Medical School

**Investigación sobre la automedicación de estudiantes del curso de medicina de una
Institución de Educación Superior**

Recebido: 17/02/2020 | Revisado: 02/03/2020 | Aceito: 11/03/2020 | Publicado: 20/03/2020

Camila Aline Lázaro

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1784-4846>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: camilaalazaro@gmail.com

Mariana Marin Gasparini

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3923-1979>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: marianamaringasparini@gmail.com

Maria Laura Muniz

ORCID <http://orcid.org/0000-0002-7451-8094>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: mlauramuniz94@gmail.com

Cassiano Duarte Maciel Martins

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9918-3975>

Universidade de Uberaba, Brasil

E-mail: cacodmmartins@gmail.com

Thaynã Alane Amaral maia

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0892-5150>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: thayna_alane@hotmail.com

Resumo

Avaliar as práticas de automedicação em estudantes de medicina, bem como os fatores, a frequência e quais são os medicamentos mais frequentes. Método: estudo transversal qualitativo, no qual cerca de 200 alunos responderam um questionário contendo questões de múltipla escolha sobre a prática de automedicação. Para análise de estatística dos dados foi

feito o teste de qui-quadrado e utilizado índice de confiança de 95%. Dos 146 estudantes que administraram algum medicamento neste período, 61 (41,7%) relataram que o medicamento não foi prescrito por médico/dentista. A prevalência da automedicação entre os estudantes que administraram algum medicamento nos últimos 6 meses foi de 88%. Os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos e relaxantes musculares. Vale ressaltar o uso indiscriminado de antibióticos, sendo que uma das maiores e perigosas consequências é a resistência bacteriana, que impede a eficácia do tratamento e a demora na cura do paciente. O índice de automedicação entre os estudantes foi alto, semelhante a outros estudos observados. Essa temática necessita de práticas de intervenção das estruturas educacionais acadêmicas, as quais precisam estar fundamentadas em métodos e protocolos efetivos que enfoquem favorecer aos estudantes de Medicina, alertando-os sobre os risco da automedicação.

Palavras-chave: automedicação; estudantes; medicina; medicamentos

Abstract

Evaluate the practices of self-medication in medical students, as well as factors, frequency and which are the most frequent medications. A quali-quantitative cross-sectional study in which about 200 students answered a questionnaire containing multiple choice questions about the practice of self-medication. For the statistical analysis of the data, the chi-square test was used and the 95% confidence index was used. The 146 students who administered a medication in this period, 61 (41.7%) reported that the medication was not prescribed by a physician / dentist. The prevalence of self-medication among students who administered medication in the last 6 months was 88%. The most commonly used drugs were analgesics and muscle relaxants. It is worth emphasizing the indiscriminate use of antibiotics, one of the biggest and dangerous consequences is bacterial resistance, which impedes the effectiveness of the treatment and the delay in curing the patient. Self-medication rate among students was high, similar to other studies observed. This theme requires intervention practices of academic educational structures, which need to be based on effective methods and protocols that focus on favoring medical students, alerting them on the risk of self-medication.

Key words: selfmedication; students; medical students; medicine; medication

Resumen

Evaluar las prácticas de automedicación en estudiantes de medicina, así como los factores, la frecuencia y cuáles son los medicamentos más frecuentes. Es un estudio transversal cuantitativo cualitativo, en el que unos 200 estudiantes respondieron un cuestionario que

contenía preguntas de múltiple opción sobre la práctica de la automedicación. Para el análisis estadístico de los datos, se realizó la prueba de chi-cuadrado y se utilizó un índice de confianza del 95%. De los 146 estudiantes que administraron algún medicamento en este período, 61 (41.7%) informaron que el medicamento no fue recetado por un médico / dentista. La prevalencia de automedicación entre los estudiantes que administraron algún medicamento en los últimos 6 meses fue del 88%. Los medicamentos más utilizados fueron analgésicos y relajantes musculares. Vale la pena mencionar el uso indiscriminado de antibióticos, una de las consecuencias más grandes y peligrosas de las cuales es la resistencia bacteriana, que impide la efectividad del tratamiento y retrasa la curación del paciente. La tasa de automedicación entre los estudiantes fue alta, similar a otros estudios observados. Este tema requiere prácticas de intervención por parte de estructuras educativas académicas, que deben basarse en métodos y protocolos efectivos que se centren en favorecer a los estudiantes de medicina, alertándolos sobre los riesgos de la automedicación..

Palabras clave: automedicación; estudiantes; medicina; medicación

1. Introdução

O termo automedicação pode ser definidos como pacientes que utilizam medicamentos não prescritos, geralmente medicamentos de venda livre, para tratar certas doenças "menores" sem consultar um médico e sem qualquer supervisão médica (Du &Knopf, 2009). Apesar de não ser um fenômeno único da modernidade, o consumo de medicamentos sem prescrição tem se tornado uma prática comum na população brasileira em todos os grupos etários (Arrais,et al., 1997).

Mesmo nas camadas privilegiadas, que têm amplo acesso aos serviços médicos, a automedicação ganha espaço, havendo uma tendência para a busca de solução imediata para as enfermidades, a fim de não interromper as atividades cotidianas ou possibilitar um pronto retorno a elas (Nascimento, 2003).

A propaganda massiva e a facilidade de acesso a medicamentos em farmácias e supermercados dão a impressão de que são produtos livres de riscos. Além disso, estimulam o uso indiscriminado, o que nem sempre resulta nos efeitos prometidos, e expõe os consumidores a reações indesejadas, às reações adversas, sempre crescentes devido ao consumo elevado de medicamentos que se observa na atualidade. A crença de que a pílula seja capaz de eliminar ou, pelo menos, amenizar estes problemas é fator complementar e primordial para o consumo (Nascimento, 2003).

A automedicação inadequada, tal como a prescrição errônea, pode ter como consequência efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, representando, portanto, problema a ser prevenido. É evidente que o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação dos usuários sobre medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde (Campos, et al.,1985).

A educação médica é uma experiência por vezes estressante, que pode ter um forte impacto em uma população jovem e potencialmente vulnerável. Embora se espere que os médicos sejam atenciosos, dedicados e empáticos com seus pacientes, a experiência profissionalizante nas faculdades tem, muitas vezes, colaborado para que os futuros médicos adquiram características contrárias às pretendidas (Alfredo, et al., 1998).

Um fator importante a considerar quando se analisa o estresse em estudantes de medicina é a presença de certas características inerentes ao aluno que podem torná-lo mais vulnerável ao estresse como, por exemplo, o perfeccionismo ou traços obsessivo-compulsivos de personalidade (Furtado, et al.,2003).

Além de desencadear sintomas psicológicos, o estresse pode contribuir para a etiologia de várias doenças (hipertensão arterial essencial, úlceras gastroduodenais, câncer, psoríase, vitiligo) e afetar a qualidade de vida individual e de populações específicas (Lipp, 1996).

A prática da automedicação torna-se ainda mais atrativa para os estudantes de medicina devido ao contato direto com alguns medicamentos, à facilidade de aquisição e aos conhecimentos adquiridos na universidade, os quais, muitas vezes, são tomados como base ou justificativa para a automedicação (Albuquerque, et al., 2015).

Parte-se do princípio de que as características do curso de Medicina têm atuado como fatores de risco para que o estudante dê início e/ou continuidade ao uso/abuso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Os alunos, de forma intensiva, são submetidos a carga horária elevada de estudos e a extensos conteúdos durante as aulas, sendo necessária a continuidade dos estudos em casa (Roberto & Almeida, 2011).

As formas de automedicação são diversas, assim, pode-se adquirir o medicamento sem receita, compartilhar remédios com familiares e amigos, desviar prescrição destinadas à outra terapêutica, reutilizar antigas prescrições e descumprir orientação profissional, prolongando ou interrompendo precocemente a posologia e o período de tempo indicados na receita (Fonseca, et al., 2010).

2. Metodologia

Estudo descritivo transversal, com abordagem quali-quantitativa, realizado na Faculdade União dos Grandes Lagos localizada na Rua Eduardo Nielsen, no município de São José do Rio Preto. O material de estudo foi um questionário constituído de 10 perguntas envolvendo o tema automedicação, o qual foi aplicado para 200 alunos, sendo que 42 não responderam. O questionário abordou questões como: a prática de automedicação, frequência, medicamentos utilizados, dependência e conhecimento sobre os riscos da prática.

O projeto foi submetido à análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade dos Grandes Lagos- UNILAGO e aprovado sob o número de protocolo 89197918.1.0000.5489. Esta pesquisa não ofereceu riscos, sob hipótese alguma, para os pesquisados nem para os estudantes avaliados, pois a metodologia se resumiu a aplicação de questionário auto-explicativo e assinatura do termo de consentimento e esclarecimento livre pelos pesquisadores e estudantes.

A amostra não probabilística foi constituída por 158 estudantes, independentemente da idade, que referiram ter consumido algum medicamento nos últimos 6 meses. O critério de inclusão foi estar regularmente matriculado entre o 1º e 4º período da faculdade. Os dados foram digitados pelos pesquisadores no programa Excel e foi empregado o teste de qui-quadrado e intervalo de confiança 95%.

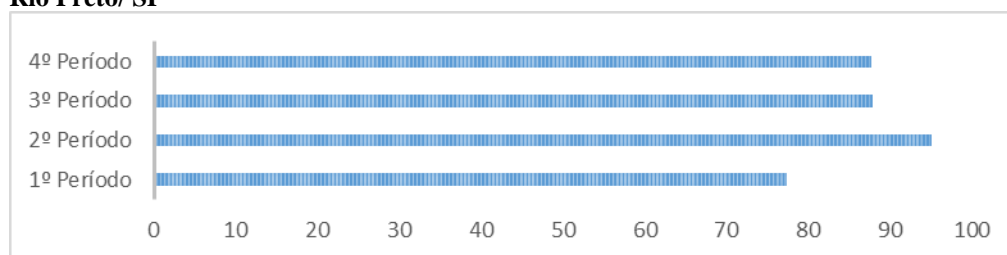
Resultados

Foram analisados 158 estudantes de ambos os sexos, do 1º ao 4º período (ciclo básico, sendo 45 estudantes do 1º período (28,4%), 34 estudantes do 2º período (21,5%), 45 estudantes do 3º período (28,4%) e 34 estudantes do 4º período (21,5%). Desta maneira, 12 estudantes (7,59%) afirmaram não ter administrado medicamento algum nos últimos 6 meses.

Dos 146 estudantes que administraram algum medicamento neste período, 61 (41,7%) relataram que o medicamento não foi prescrito por médico/dentista. A prevalência da automedicação entre os estudantes que administraram algum medicamento nos últimos 6 meses foi de 88%.

A prática da auto-medicação foi confirmada por 36 alunos do 1º período (77.4%), 29 alunos do 2º período (95.1%) ,39 alunos do 3º período (87.8%) e 24 alunos do 4º período (87,8%) sendo p 0,16. (Tabela 1)

Tabela 1- Automedicação referida conforme períodos do curso de Medicina de alunos de São José do Rio Preto/ SP



Quanto a classe de medicamentos mais utilizados, foram: analgésico (73,9%), relaxante muscular (47,9%), anti-inflamatório (33,5%) corticosteroide (8,9%) e antibiótico (7,5%). Os estudantes que afirmaram utilizar outros medicamentos, os mais frequentes foram: anti alérgico e descongestionante. (Tabela 2)

– Tabela 2 – Medicamentos mais utilizados entre os estudantes

Medicamento	Acadêmicos	
	N	%
Analgésico	108	73.9
Antibiótico	11	7.5
Anti-inflamatório	49	33.5
Corticosteróide	13	8.9
Ansiolótico	8	5.4
Relaxante Muscular	70	47.9
Estimulante do Sistema Nervoso	5	3.4
Outros	23	15.7

Em períodos de estress como provas e trabalhos, a prática de automedicação se intensifica em 100 dos estudantes (68,40%). 30 estudantes (20,5%) não possuem esclarecimento sobre os riscos inerentes a auto medicação.

Devido a frequência das práticas da automedicação, 19 alunos (13%) relataram já terem procurado alguma forma de ajuda em relação a isto. (Tabela 3)

Tabela 3 – variáveis da automedicação entre os estudantes

Variável	N	%	P valor	IC
Intensifica em períodos de estresse mental				
Sim	95	65.07	0,004	62,32 - 67,82%
Não	38	26.03		
É dependente da automedicação				
Sim	15	10.27	0,57	9,57-10,97%
Não	119	81.51		
Baixo rendimento ao não fazer o uso da automedicação				
Sim	38	26	0,057	24,6 – 27,4%
Não	88	60.20		
Já procurou ajuda				
Sim	19	13	0,68	12,60- 13,4%
Não	115	78.7		
Conhece os riscos				
Sim	105	71.92	0,04	70 -73,8%
Não	30	20.55		

Discussão

O presente estudo apontou para uma alta taxa de automedicação de 88% entre os estudantes de medicina do 1º ao 4º período. Tal resultado é semelhante aos estudos que também avaliaram a automedicação em estudantes de medicina (Fonseca, et al.,2010; Neto,2006). Porém se contradiz em relação a estudos de automedicação em crianças e adolescentes e profissionais da rede básica de saúde sendo de 56% e 43% respectivamente (Pereira, et al.,2007; Tomasi, et al.,2007). O que aponta maior prevalência dessa prática entre acadêmicos de medicina em comparação com outras populações. Foram analisados 158 estudantes de ambos os sexos, do 1º ao 4º período (ciclo básico, sendo 45 estudantes do 1º período (28,4%), 34 estudantes do 2º período (21,5%), 45 estudantes do 3º período (28,4%) e 34 estudantes do 4º período (21,5%). Desta maneira, 12 estudantes (7,59%) afirmaram não ter administrado medicamento algum nos últimos 6 meses.

Segundo estudo de Fonseca e colaboradores 2010, os medicamentos utilizados na automedicação foi prescrito previamente por médicos em outra situação.

Analgésicos (74%), relaxante muscular (48%) e anti-inflamatórios (33%) foram as classes de medicamentos mais utilizadas pelos estudantes. Levando em consideração que a cefaleia é o principal sintoma apontado pelos estudantes responsável pela automedicação segundo aponta Masson e colaboradores, 2012. (Mason, et al., 2012). Em contrapartida, na Universidade de K.S. Hegde Medical, na Índia, um estudo com 200 estudantes de medicina revelou que o medicamento mais utilizado foi os antitérmicos (71%) (Badiger,et al., 2015). Vale ressaltar a frequência da automedicação com antibióticos (7,5%).

Com relação ao uso indiscriminado e incorreto dos antibióticos uma das maiores e perigosas consequências é a resistência bacteriana, que impede a eficácia do tratamento e a demora na cura do paciente. Portanto, o uso desse tipo de medicamento deve ser feito somente sobre prescrição médica e de acordo com a real necessidade do paciente (Botti & Lima & Simões, 2010.) Em suma, deve-se destacar o número de estudantes que seu auto medicam com psicofármacos (8,9%) uma vez que tais medicamentos são de uso restrito e exigem prescrição, pois são muitos os efeitos que podem surgir com o uso irracional, como surtos de psicoses e insônia, piora na atenção e cognição e principalmente a dependência.

Entre os fatores estressores na universidade destacam-se o aumento de responsabilidade, a ansiedade, a competitividade, tarefas acadêmicas, dificuldades financeiras e principalmente a escolha profissional (Meyer & Guimarães & Machado, 2012).

O curso de Medicina é visto como um dos mais difíceis e trabalhosos, pois exige dedicação, esforço, sacrifício e resistência física e emocional dos alunos. Sabendo da jornada que os estudantes enfrentam, foi questionado se a prática da automedicação intensifica em situações de stress como provas e trabalhos, sendo positivo em 100 dos estudantes.

Conclusão

A prática da automedicação entre os acadêmicos de medicina da UNIÃO DAS FACULDADES DOS GRANDES LAGOS é significativa. A prevalência dessa prática neste grupo é relativamente superior aos descritos em estudos semelhantes no Brasil e em outros países. Com esse estudo, conclui-se que é necessário a prática de intervenções pedagógicas durante o curso, alertando e oferecendo aos alunos conhecimentos básicos e fundamentais referentes a riscos e consequências de tal prática.

É indispensável a valorização de questões éticas e psicológicas dos estudantes pelos responsáveis da instituição local.

Essa temática necessita de práticas de intervenção das estruturas educacionais acadêmicas, as quais precisam estar fundamentadas em métodos e protocolos efetivos que enfoquem favorecer aos estudantes de Medicina, o sentido de alertar científica e socialmente sobre os riscos desta prática da automedicação. Importante salientar a atenção às questões éticas e psicossociais dos estudantes por parte dos profissionais responsáveis na instituição local e que favorecem pela formação de futuros médicos.

Referências

Albuquerque, L. *et al* (2015). Avaliando a Automedicação em estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba. *Rev Med e Pesquisa*, 1, 39-50. Recuperado de: <https://periodicos.ufpb.br/>

Alfredo, N., & Cavalet, D., & Kappes, D., S. Silva, D.(1998). O estudante de medicina e o estresse acadêmico. *Rev. Med. PUCRS*, 8 (1), 6-12. Recuperado de: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=213447&indexSearch=ID>

Arrais, P., D., & Coelho, H., L, Batista, M., D, Carvalho, M., L, Righi, R., E, Arnau J. M. (1997). Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde Pública*, 31(1), 71-77. Doi: 10.1590/S0034-89101997000100010

Badiger, S. *et al*. (2015). Self-medication patterns among medical students in South India. *Australas Med J*, 5 (4), 217-220. doi: 10.4066/AMJ.2012.1007

Botti, N. & Lima, A. & Simões, W.(2106). Uso de substâncias psicoativas entre acadêmicos de enfermagem da Universidade Católica de Minas Gerais. *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool*

Drogas. 6, 1-13. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000100013&lng=pt&tlng=pt.

Campos, J., M. *et al.* (1985). Prescrição de medicamentos por balconistas de 72 farmácias de Belo Horizonte/MG. *J. Pediatr*, 59, 307-312. Recuperado de:
<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=28991&indexSearch=ID>

Du, Y. & Knopf, H. (2009). Self-medication among children and adolescents in Germany: results of the National Health Survey for Children and Adolescents (KiGGS). *British Journal of Clinical Pharmacology*, 68 (4), 599-608. doi: 10.1111/j.1365-2125.2009.03477.x.

Fonseca, F. *et al.* (2010) Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. *Rev. Diagn Tratamento*, 15 (2),53-57. Recuperado de:
<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2010/v15n2/a53-57.pdf>

Furtado, E., & Falcone, E.,M. &Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*. 7(2), 43-51.doi: 10.5380/psi.v7i2.3222

Lipp, M. (1996) Stress: Conceitos básicos. Pesquisas sobre stress no Brasil: Saúde, ocupações e grupos de risco, São Paulo, *Papirus*, 17-3. Recuperado de:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000109&pid=S01041169200400010000300004&lng=pt

Masson, W.(2012). Automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, 14(4), 82-89.doi: 10.21722/rbps.v14i4.5123

Meyer, C. & Guimarães, A. C. A. & Machado, Z., & Parcias, S. R. (2012). Qualidade de vida e estresse ocupacional em estudantes de medicina. *Rev Bras Educ Méd*; 36(4),489-98. doi: 0.1590/S0100-55022012000600007

Moraes, A. & Araujo, N. & Braga, T. (2016). Automedicação: revisando a literatura sobre a resistência bacteriana aos antibióticos. *Rev Eletr. Estácio Saúde*, 5, 122-132. Recuperado de: revistaadmmade.estacio.br

Nascimento, M.,C.(2003) Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde?: vantagens e perigos do uso de produtos da indústria farmacêutica mais consumidos no Brasil: vitaminas, analgésicos, antibióticos e psicotrópicos. *Rio de Janeiro: Vieira e Lent* ; 200. Recuperado de:
<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=348872&indexSearch=ID>

Neto, J.A. C. & Sirimarco, M. T. & Choi, C. M. K. & Barreto, A. U,& Souza, J. B. (2007). Automedicação entre Estudantes de Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. *HU Revista*, 32(3), 59-64. Recuperado de: periodicos.ufjf.br

Pereira, F. *et al.*(2007). Self-medication in children and adolescents. *J Pediatr, Rio de Janeiro*, 83 (5), 454-458. doi:10.2223/JPED.1703

Roberto, A., & Almeida, A. (2011). Saúde mental de estudantes de medicina. *Acta Med Port*, (2), 279-286. Recuperado de:
<https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/download/1490/1076>

Tomasi, E. *et al.* (2007). Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. *Rev. bras. Epidemiol*, 10 (1), 66-74. doi: 10.1590/S1415-790X2007000100008

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Mariana Marin Gasparini – 45%

Maria Laura Muniz – 25%

Camila Aline Lázaro – 10%

Cassiano Duarte Maciel Martins – 15%

Thaynã Alane Amaral Maia -5%